

# Representações de práticas ligadas ao uso do café e chá em algumas obras de arte

ARTE

*Sônia Siqueira*

Docente da FATEA - Lorena.



É possível a leitura de um espaço social construído por meio das Artes? Jorge Luiz Barbosa num texto sobre a **Arte de representar como reconhecimento do mundo** indaga:

Um poema, uma pintura, uma sinfonia, um romance ou um filme podem significar algo além de um segredo do gosto ou pura virtude humana? A obra de arte poderá, então, ser entendida (ou concebida) como expressão de um deciframento ou um pensamento que registra o movimento do mundo porque interpreta e anuncia a vida? [...] A arte pode iluminar aquilo que a ciência deixou de interrogar ou já considerou definitivamente respondido?<sup>1</sup>

Reduzo o universo das Artes e aumento o questionamento: podem as artes plásticas, em particular a pintura, a partir de sua linguagem, reconstruir uma realidade? Porque, numa mesa redonda destinada a discutir relações entre História e Cinema, me reporto à pintura? E começo pela segunda questão.

Quando penso em Cinema e procuro situá-lo entre as Artes, penso imediatamente em Fotografia e Pintura, porque os três meios de expressão se fundam sobre a imagem e a representação, sobre um suporte, de uma suposta realidade, daí sua relativa afinidade. Da pintura, passando pela fotografia, e chegando ao cinema, guardadas as diferenças, constatamos a evolução técnica e o aprimoramento do desejo de representação daquilo que costumamos chamar de realidade.

Se as diferenças são inúmeras: uma é estática, outro, o cinema, dinâmico; uma, congela um fato no tempo e no espaço, outro é narrativa, se desenrola no tempo e espaço. O fundamento é o mesmo: imagem. Imagem como forma de recriação, reconstrução da realidade.

O desejo de reprodução do real surgiu na Renascença e foi possível devido, sobretudo, ao desenvolvimento da técnica da perspectiva, que permitiu a representação de um espaço tridimensional sobre uma superfície tridimensional. Segundo Milton José de Almeida

“[...] a perspectiva tornou-se, a partir da Renascença, um aparato intelectual e técnico, pensado como ciência, objetivamente produzido para aprisionar o real, reproduzi-lo e afirmar-se como sua única e competente representação.”<sup>2</sup>

A partir do século XIX, a revolução tecnológica possibilitou a aceleração da velocidade [trem], a fotografia e, finalmente o cinema. Cada um, a seu modo, influenciou na representação pictórica como é o caso do Impressionismo e do Cubismo.

A fotografia possibilitou o registro mecânico de uma imagem em condições mais ou menos análogas às da visão. No caso específico do cinema, a técnica cinematográfica, continuou a questão posta no Renascimento, ou seja, a valorização de um modo particular de figuração do real.

	<b>Significante</b> (xícaras, bules)	<b>Significado</b> (práticas séc.XVIII)
<b>Significante</b> (quadro)	<b>Significado</b> (xícaras, bules)	

“Do ponto de vista da (re)produção de imagens, o cinema pode ser entendido como um sistema complexo incorporando tanto tecnologia como ‘discursos’ da câmera, da iluminação, edição, cenário e som. Os quais contribuem para a constituição de representações do mundo.”<sup>3</sup>

Enquanto o cinema é um dispositivo de representação que recorre à tecnologia de produção/montagem/metamorfose de imagens visuais, associada às narrativas; a imagem pictórica é “[...] uma cena congelada de um filme sem um antes e um depois, seres e natureza paralisados no tempo. [...]”<sup>4</sup> Ainda que congelada, utilizou uma série de recursos para transmitir assuntos e idéias que necessitavam ser entendidas, decodificadas, como, por exemplo, os dípticos, trípticos, polípticos pintados até o século XVII ou as cenas da paixão. Partindo do pressuposto de que cinema, fotografia, pintura se pautam na imagem. E quer em movimento, quer paralisada, visa a comunicar, reconstruir, com linguagem própria, a realidade num dado contexto histórico. As imagens são dotadas da “[...] faculdade de provocar uma significação segunda a partir de uma significação primeira, de um signo pleno”<sup>5</sup>. Usarei a pintura para reconstruir a nova realidade que se estabelece na Inglaterra e França, no decorrer do século XVIII, em virtude das transformações ocorridas nas práticas culturais devido à disseminação do uso das bebidas quentes.

Ou seja, no decorrer do século XVIII, artistas como Chardin, Boucher, Liotard, Lancret, Hogarth, Horemans, Ollivier, Joseph van Aken produziram obras em que representavam as novas práticas culturais. Estes quadros (significantes) me possibilitam reconhecer xícaras, bules, açucareiros, colheres etc. (significados) e constituem um signo pleno (significante ligado a um significado). Porém, estes signos plenos prosseguem sua dinâmica significativa tornando-se significantes de um significado segundo (bules, xícaras, século XVIII, café). Esta leitura, Barthes conceituou como leitura simbólica da imagem. Porque, para ele, “[...] não existe imagem ‘adâmica’. [...] para Barthes, uma imagem pretende sempre dizer algo diferente do que representa no primeiro grau. [...]”<sup>6</sup>

Esta leitura “simbólica”, utilizando o termo de Martine Joly, será complementada por algumas indagações levantadas por Michael Baxandall em seu livro **Padrões de Intenções**’ “[...] que traz narrativas alimentadas pelo estudo dos ‘contextos’ do artista, recusando porém a estrita dependência deles na busca das formas que deu às intenções do seu tempo.[...]”<sup>8</sup>

## OBRAS:

- 1) Joseph van Aken - **An English Family at Tea** (1720 - National Gallery Londres)
- 3) Françoise Boucher - **Le Dejeuner** (1739 - Musée du Louvre, Paris)
- 3) Nicolas Lancret - **Lady and Gentleman with two Girls and a Servant** (1742 - National Gallery, London)
- 4) Jan Jozef HOREMANS, II - **Tea Time**. (Koninklijk Museum voor Schone Kunsten, Antwerp)
- 5) Michel Barthélémy OLLIVIER - **Le thé à l'anglaise dans le salon des quatre glaces, au temple, avec tout la cour du Prince de Conti** (1766 - Musée National du Château et des Trianons)
- 6) Jean-Étienne Liotard - **Still Life: Tea Set** (J. Paul Getty Museum, Los Angeles)

## AS BEBIDAS QUENTES NA EUROPA

O café turco penetrou no Ocidente devido ao comércio entre os portos mediterrâneos e o Oriente. Os venezianos conheciam esta bebida desde 1570 ainda que seu consumo só tenha se desenvolvido no século XVII. Em Londres, em 1652, foi inaugurado o primeiro Café londrino por Pasqua Rosee, criado armênio de um comerciante inglês chamado Daniel Edwards, que adquirira o gosto pela bebida numa viagem pelo Oriente Médio. Rapidamente o líquido negro e forte adquiriu grande reputação.

Em 1669, os ingleses já eram seus maiores consumidores e, em Londres, era servido em alguns estabelecimentos por um penny.

Segundo FERNÁNDEZ-ARMESTO<sup>9</sup>, a “coffea arábica” chegou à Marselha, França, em 1644, com Sur Jean de la Roque.

Na mesma ocasião, La Roque, trouxe também xícaras de porcelana antigas de grande beleza e pequenos guardanapos de delicada musselina bordados de ouro, prata e seda. [...]

Em 1669, Mahome IV enviou a Luís XIV um embaixador extraordinário para lhe oferecer café. Insultado com o descaso do rei, o visitante retornou à Paris onde começou a receber a nobreza e, segundo o uso de seu país, lhe oferecia café.

[...] jovens e belos escravos, com seus ricos trajes turcos,

presenteavam as damas com pequenos guardanapos adamascados, guarnecidos de franjas de ouro, e serviam café em taças de porcelana fabricada no Japão. [...] As pessoas que foram recebidas por Soliman descreviam as maravilhas que viram e celebravam a elegância do café, particularmente o café adoçado. [...] Desta forma o costume se espalhou na alta sociedade<sup>10</sup>.

Dez anos depois, um armênio vestido à moda turca abriu um estabelecimento para vender café na feira de Saint-Germain. No começo do século XVIII, o siciliano Francesco Procopio dei Coltelli fez dele o carro-chefe de seu estabelecimento, situado em frente à Comédie-Française, que se tornou ponto de encontro dos franceses.

Quanto ao chá, alguns autores afirmam que aportou em Amsterdã em 1606<sup>11</sup>, outros em 1610<sup>12</sup>. É certo que por volta de 1640 ele começou a ser efetivamente comercializado na Europa<sup>13</sup>. Em 1657, Thomas Garraway, dono de um “coffe house” na cidade de Londres o introduziu em seu estabelecimento publicando num jornal local a seguinte propaganda: “Esta excelente bebida, aprovada por todos os médicos chineses, que os Chineses chamam ‘Tcha’ e outras nações ‘Tay’ está a venda na Sultanness Mead.”<sup>14</sup>

A divulgação do gosto pela bebida se deve a Catarina Henriqueta de Bragança, filha de D. João IV, o “restaurador”. Graciosa, sensata e elegante, Catarina foi educada para ter um casamento político o que ocorreu em 1662, quando se uniu a Carlos II, da Inglaterra. O casamento interligou as duas dinastias e ajudou a fortalecer o poder dos Bragança, que libertou Portugal da dominação espanhola.

A noiva desembarcou aos 23 anos de idade em Portsmouth, com um volumoso enxoval formado por vestidos, toalhas, porcelanas, prataria e jóias. Entretanto, o item que se revelaria mais precioso era uma arca contendo chá da China. [...] Desde o início, na corte de Londres, Catarina de Bragança, patrocinou concorridos tea parties (festas de chá). Promoveu saraus, espetáculos teatrais e bailados. [...] Em todos mandava servir chá. A bebida se firmou imediatamente. [...]<sup>15</sup>

Na França, o chá foi introduzido no final do reinado de Luís XIII; alguns anos depois, Mazarin o tomava para se proteger da gota e no último quartel do século XVII a bebida começou a desfrutar de certa popularidade entre os aristocratas.

## DOMÍNIO

Duas bebidas que, juntamente com o chocolate, foram consideradas exóticas, fizeram sua estréia na Europa Seiscentista, mas só ganharam espaço, transformaram-se em moda, criaram tradição, no século XVIII.

Se venezianos e, posteriormente, portugueses, holandeses, disputaram ferozmente o monopólio do comércio das especiarias orientais como gengibre, pimenta, cravo, canela, noz-moscada, porque só descobriram o café e o chá no século XVII?

Braudel<sup>16</sup> afirma que viagens comerciais, importações de produtos, dependem de necessidades que podem surgir, ou não, num determinado momento. E continua: “[...] O desejo jamais é fiel a si mesmo, a moda pronta a traí-lo, cria necessidades artificiais e imperiosas, mutantes que não desaparecem, são substituídas por outras paixões também, aparentemente, gratuitas: o açúcar, o alcool, o café, o chá. [...]”<sup>17</sup>

Obviamente, a moda, o desejo do novo é impulsionado, dirigido pelos nobres. Ela é parte do que constitui o ser nobre, diferente das demais classes sociais. Quando as especiarias, por exemplo, chegaram à Europa em grande quantidade e, de certa maneira, se popularizaram, tornaram-se desinteressantes aos olhos nobres o que, inclusive, se refletiu na gastronomia. A partir do século XVII, a culinária recomendou a diminuição da quantidade de pimenta, cravo e noz-moscada e o abandono do gengibre, canela, pimenta malagueta. Em contrapartida ervas frescas e temperos - cerofólio, estragão, manjeriço, tomilho, louro, cebolinha, salsa, chalota, alho da Espanha ganharam destaque.<sup>18</sup>

O mesmo ocorreu com o café e chá no final do século XVII. Representavam o novo, o diferente, face à difusão dos outros produtos vindos do Oriente. Tornou-se bebida dos nobres, luxo permitido a poucos, o que suscitou, num primeiro momento, a importação de acessórios caros e sofisticados para seu uso como os aparelhos para o chá e café, de porcelana chinesa. E, num segundo momento, uma verdadeira corrida entre as manufaturas européias para descobrirem o segredo da produção daquela cerâmica bela, translúcida, que tanto agradava à nobreza européia e cujo segredo, pelos lucros que proporcionava, era guardado a sete chaves pelos chineses.

Além dos ceramistas, os prateiros foram convocados a criarem bules, chaleiras, bandejas, caixas para armazenar chá, açucareiros. Enfim, um arsenal de objetos foi criado para o consumo do café e do chá, que por sua vez, criou novas práticas, novas formas de sociabilidade.

Retornando a Braudel:

O luxo atrai muitos olhares, de acordo com a época, o país ou civilização. O que não muda é a comédia social, sem começo ou fim, com o qual ele se compromete. [...] É certo que os privilegiados e os espectadores, isto é, a massa que lhes contempla, pactuam numa certa cumplicidade. O luxo não é apenas raridade, vaidade, é êxito, fascinação social, o sonho de que um dia os pobres o alcançarão, levando-o a perder todo seu antigo esplendor. [...] Os ricos são condenados a preparar a vida futura dos pobres. Esta é sua justificação primeira: fazem o ensaio dos prazeres dos quais a massa se apoderará um pouco mais cedo, um pouco mais tarde.<sup>19</sup>

O café e o chá possibilitaram, no início do século XVIII, o desenvolvimento de um ritual, uma cerimônia que garantia não apenas o sabor do que se bebia, mas, e principalmente, o status de quem bebia.

A nobreza parisiense, por exemplo, revitalizada no século XVIII devido ao desconforto, desinteresse de

Luis XV pelos rituais de Versailles, alterou completamente seus hábitos e horários. “[...] Por volta da metade do reino de Luís XV a vida social escapa deste ponto único e centrado em si próprio [Versailles] e reflui para Paris, se lança, se ramifica, circula por dezenas de palacetes. [...]”<sup>20</sup> O novo ritmo de vida incluía uma xícara de café ao acordar, o que acontecia por volta das 09 horas. À tardinha, cerca de 18 horas, era comum as senhoras receberem suas amigas com uma xícara de café.

[...] as bebidas quentes parecem mais próprias para o período diurno e privatizam o tempo em espaços restritos (o quarto de dormir, o boudoir): chá, café, chocolate bebem-se numa dimensão mais íntima e privada, no desjejum que acompanha o despertar ou nos almoços não-oficiais, encontros informais e confidenciais. [...] Recipientes de chocolate, chá, café, sorvete repartem as horas do dia e escandem o tempo das quatro estações. [...]”<sup>21</sup>

Luís XV, por sua vez, nos “souper intime” que promovia nos seus aposentos particulares em Versailles, sempre brindava os convidados ao final do jantar que ele próprio preparava, com uma xícara de café.

Temos uma descrição do duque de Cröy, do jantar ocorrido no dia 30 de janeiro de 1747:

[...] No total, 18 pessoas apertavam-se em torno da mesa circular. [...] Havia apenas dois ou três criados que se retiraram logo após servir, permitindo uma liberdade de conversação ainda maior. Ficamos duas horas na ceia, tranquilos e à vontade, mas sem qualquer excesso. Então o rei se dirigiu para o petit salon, onde coou café; não havia criados, de modo que nós mesmos nos servimos. [...]”<sup>22</sup>

Além do café, o chá também era apreciado em ocasiões especiais. Muitas vezes era servido nas reuniões promovidas pelos nobres franceses, como o Príncipe de Conti.

Na Inglaterra também encontramos o ritual, as práticas em torno das bebidas quentes, sobretudo do chá, e que ajudam a sublinhar a diferença entre os nobres e as demais classes.

A nova prática, amplamente divulgada por Catarina II, como já vimos, firmou-se quase imediatamente na aristocracia. “[...] ele passou a simbolizar a sociedade elegante, a família e os amigos reunidos em torno de uma mesa bem provida com um bule e uma vasilha de chá feito de prata e xícaras de porcelana.”<sup>23</sup>

O luxo, o modismo, ao mesmo tempo em que ajudou a definir o lugar do nobre, estimulou o desejo das demais classes. Todos queriam imitá-lo. Dentro desta lógica, à medida que um grupo tem acesso a determinadas práticas ou padrão de consumo, a nobreza tende a mudá-lo para poder permanecer única, inacessível e desejável. Portanto, as demais classes sociais, no decorrer do século XVIII, se esforçaram não só para acompanhar os hábitos, as práticas sociais da nobreza, como também a ter acesso a certo luxo.

Evidentemente, neste contexto em que o parecer distingue as pessoas, estabelece sua posição na sociedade, todo o aparato, etiqueta que envolvem o tomar chá ou café, ajudaram a definir a posição social do indivíduo.

O luxo, além de constituir a 'indústria de ponta' no sistema econômico da França setecentista, responde a uma necessidade de distinção social, em que as classes endinheiradas procuram ascender – copiando – e as camadas aristocráticas se resguardam dos intrusos – inovando. [...]”<sup>24</sup>

Por razões sociais, econômicas, políticas e até mesmo por higiene, no decorrer do Setecentos, disseminou-se o uso do café e do chá. Cada grupo adaptou as práticas da nobreza a seus usos e posses, ao longo do século.

No caso do chá, o alto preço foi compensado pela diminuição do tamanho dos bules e xícara, que, obviamente, não eram mais de prata ou porcelana, mas de cerâmica. As novas classes consumidoras exigiram peças de preço acessível e beleza, o que impulsionou as manufaturas de cerâmica na região de Stratford.

Para os pobres, o chá tornou-se gradualmente um luxo de preço acessível e depois uma necessidade. Alguns truques tais como fazer render uma pequena quantidade de chá acrescentando-se mais água ou usando novamente suas folhas, por fim colocaram a bebida ao alcance de todos, de alguma forma. [...] Um visitante italiano na Inglaterra em 1755 observou que 'até mesmo os criados comuns precisam tomar o seu chá duas vezes

por dia'. [...]”<sup>25</sup>

Em Paris, na segunda metade do século, todos tomam café ou chá. “[...]Os abastados das classes populares tomam o seu café em casa, alguns criados tomam chá, todos dão o tom. [...]”<sup>26</sup>

## REPRESENTAÇÕES DAS NOVAS PRÁTICAS

### 1. JOSEPH VAN AKEN: AN ENGLISH FAMILY AT TEA

(1720 - National Gallery Londres)

**Técnica:** óleo sobre tela

**Dimensões:** 74 x 116 cm

**Estilo:** cena de gênero<sup>27</sup>

Joseph van Aken (c.1699-1749) era um pintor flamengo que passou grande parte de sua vida em Londres pintando cenas de interior e roupas para outros artistas como Hudson e Highmore.

**Descrição:** No quadro em questão, observamos um grupo, numa sala, ao entardecer, que se prepara para tomar seu chá. À esquerda, uma senhora e uma jovem estão sentadas em volta de uma mesa com xícaras, pires, bule, leiteira e açucareiro. Um cavalheiro, entre as duas mulheres, descansa o braço direito sobre o encosto da cadeira da mais velha, enquanto despeja algumas folhas de chá, de uma caixa retangular, numa pequena vasilha, espécie de taça, que a senhora segura. Ao fundo, um pouco atrás da senhora, um senhor em pé, uma das mãos na cintura,

Joseph van Aken: **An English Family at Tea** (1720 - National Gallery Londres) - óleo sobre tela



apoiado sobre a bengala; na frente da mesma senhora, em primeiro plano, uma caixa maior, aberta, repousa sobre a ponta do tapete; atrás da jovem, vemos uma estátua que representa o deus Baco. No centro da composição, em pé, a criada segura uma chaleira na posição de quem vai despejar seu conteúdo no bule. Atrás da criada, sobre um gueridon, o fogareiro. A direita da criada, mais um jovem segura numa das mãos seu chapéu e carrega na cintura a espada. Mais atrás, também à direita, um jovem vem chegando com um grande bule.

**Leitura simbólica:** A cena, como o próprio título sugere, nos mostra a hora do Chá numa casa nobre. Os sinais de riqueza são evidentes: espaço grande, com colunas gregas, estátua, tapete oriental sob a mesa, os objetos utilizados para o chá são em material nobre – porcelana e prata. O grupo não identificado está reunido, à espera do fim do ritual de preparação. À direita, um último participante chega atrasado, trazendo numa das mãos o chapéu, enquanto a outra, ainda enluvada, se apóia no cabo da espada, signos de aparato, da vida mundana. O último, à esquerda, em pé, espera com alguma impaciência, o final da preparação, enquanto no centro, a senhora recolhe, com a ajuda do terceiro homem, num recipiente, algumas folhas de chá. Como o produto era muito caro, cabia à senhora, à dona da casa, retirar de uma caixa especial, que podia ser de prata ou porcelana, a quantidade necessária para cada refeição. Depois de servida, a caixa retornava para seu invólucro, sobre o tapete, para que pudesse ser guardada, e servia para proteger as folhas secas da umidade, evitando que elas mofassem, apodrecessem.

Uma vez colocado no bule, caberá a criada despejar sobre ele água fervente. Por esta razão, ela já retirou a chaleira do fogareiro, que permanece aceso, porque receberá mais água – o jovem criado se aproxima apressado, pela direita, com uma jarra na mão direita. Ao lado do bule, que repousa sobre uma pequena bandeja, vemos, sobre a mesinha, xícaras e pires, uma leiteira, açucareiro, objetos criados para a nova prática. A leiteira, por exemplo, correspondia a uma nova forma de se tomar chá, o chá com leite. Já o açucareiro aparece, porque os europeus só aceitaram as novas bebidas açucaradas. O que não acontecia com o chá na China ou café no Oriente. A xícara e o pires, também são novidades européias: a primeira, protege os dedos da queimadura da bebida; o segundo, serve para amparar a xícara quente e apoiar a colher pequena – outra criação – usada para mexer o líquido.

**“Intenções”:** Segundo Baxandall, “[...] todo objeto histórico tem um propósito – ou um intento ou, por assim dizer, uma ‘qualidade intencional’. [...]”<sup>28</sup>

De acordo com o historiador da arte, um artista, ao aceitar um trabalho, tem algumas intenções que ele denomina encargos e diretrizes do pintor. No caso de Van Aken, seu encargo era pintar, ou seja, aplicar sobre uma superfície, cores, linhas, manchas de cores. Ainda segundo Baxandall, - [...] o encargo em si não tem forma; as formas começam a surgir das Diretrizes. [...]”<sup>29</sup> A grande questão da diretriz, no caso do nosso pintor, foi exatamente representar uma realidade tridimensional sobre uma superfície bidimensional, criar as formas

que representaram os participantes deste “chá inglês”. Continuando a acompanhar o pensamento de Baxandall: quem determinou o encargo de Van Aken? A obra foi uma encomenda. Sendo o artista um pintor relativamente desconhecido, que sobreviveu principalmente pintando panejamentos para outros artistas, seus trabalhos pessoais foram encomendas. Alguém, um nobre, encomendou esta cena que retratava o ritual do chá.

Quando Van Aken construiu sua diretriz pessoal, “[...] ele o fez como um ser social inserido em determinadas instâncias culturais. [...]”<sup>30</sup> Assim, estabeleceu relações com um consumidor, que lhe fez uma encomenda e ele a executou, permuta [toc]. Na execução do encargo teve oportunidade de escolher estratégias genéricas que poderia mudar, ou não, durante sua execução. Entretanto, tendo em vista questões ligadas à encomenda, tinha um compromisso de dar a conhecer detalhes da hora do chá, testemunhar plasticamente as novas práticas ligadas ao uso do chá: bule, espíriteira para ferver água.

## 2. FRANÇOISE BOUCHER: LE DEJEUNER

(1739 - Musée du Louvre, Paris)

**Técnica:** óleo sobre tela

**Dimensões:** 81,5 x 65,5 cm

**Estilo:** cena de gênero

**Inscrição:** data, assinatura.

**Precisão da inscrição:** F. BOUCHER, 1739

**Descrição:** O quadro mostra um salão refinado, decorado em estilo rococó (elementos decorativos do estilo são visíveis na moldura do espelho, no relógio: conchas, cartelas de formas complicadas, festões, bibelots chineses) no qual a família se ocupa em tomar café. À esquerda, ao fundo, um jovem segura um bule pelo cabo, que repousa sobre um guardanapo jogado sobre a moldura da lareira. Esta, por sua vez, é encimada por um espelho emoldurado por lambris, pintado em azul claro e decorado com elementos rococó e guarnecido por arandelas com velas. Do lado do espelho, à esquerda, pendurada na parede, uma pequena estante em que vemos um bule para chá, um Buda e alguns livros. No alto, sobre a estante, um relógio encastado em conchas.

Na parede da esquerda, uma grande vidraça ajuda a clarear o ambiente diagonalmente e, inclusive, projeta a sombra do rapaz sobre a estante e a moldura do espelho. Uma jovem de costas, sentada à esquerda da composição, dá comida a uma menininha que olha para o espectador. No centro, uma mesinha baixa sobre a qual, numa bandeja, estão dispostas as xícaras, pires, açucareiro, guardanapos. Numa cadeira, à direita da mesinha, uma senhora segura na mão direita uma colher, enquanto conversa com uma criança sentada numa cadeirinha a seu lado – à direita do espectador -, e que traz um cavaleiro de madeira ao colo e uma boneca apoiada nas pernas, de frente para o espectador.

**Leitura simbólica:** a cena, na qual alguns especialistas reconhecem a família de Boucher, é um importante documento sobre a “arte de viver”, na época de Luis XV.

Uma das raras cenas de gênero executadas por Boucher, uma cena familiar: Madame Boucher sentada à direita, a seus pés a filha, e à esquerda, a irmã do pintor dá comida à filhinha.

Enfim, no salão refinado, a família se ocupa em tomar café, produto de luxo que só recentemente começara a ser usado. Observemos que a nova moda se espalha pela parede como é o caso do bule para chá, na estante. O exotismo, a sofisticação que as novas práticas exigem se manifesta em outras peças como o serviço de porcelana chinesa no centro da composição; percebe-se, inclusive, o vapor que sai da xícara que está à frente de Madame Boucher. O cenário materializa, como dissemos, o estilo do interior rocailha, a luz com a janela de “petit bois”, os espelhos, a “lareira a capuchinha”. A família está reunida sob o signo da luz e do calor. Um mobiliário do mundo do luxo, responde à comodidade e ao aparato - console, vaso, relógio de parede, poltrona canelada e estofada - caracteriza a peça destinada à sociabilidade; o espaço é ordenado e calmo, as arrumações lógicas. A presença de brinquedos, à direita, por sua vez, evidencia a revolução na maneira de educar as crianças. Na época, teve início a fabricação de objetos para seu uso exclusivo como boneca e cavalinho de madeira.

O quadro descreve detalhadamente, num estilo claro, elegante, tipicamente rococó, a nova arte de viver dos ricos franceses: móveis, objetos, roupas rendadas, xíca-

Françoise Boucher: *Le Dejeuner* - (1739 - Musée du Louvre, Paris) - óleo sobre tela



ras, bules, açucareiros, colheres.

“Intenções”: 1) encargo – pintar. 2)Diretriz: encomenda em que o pintor de cenas mitológicas galantes, durante um curto período, 1739 a 1746, introduziu em seu repertório a representação de cenas de gênero influenciado pelos mestres holandeses do século XVII e mais diretamente Jean-François de Troy [diretriz pessoal], esta visão do mundo cotidiano, a imagem de um momento simples, feliz, de intimidade familiar num momento em que se está tomando café.

### 3. NICOLAS LANCRET - LADY AND GENTLEMAN WITH TWO GIRLS AND A SERVANT

(1742 - National Gallery, London)

Técnica: Óleo sobre tela

Dimensões: 89 x 98 cm

Cena de gênero

**Descrição:** Num jardim luxuriante, ainda que, como preconiza o século, de natureza domada, observamos, à direita, ao fundo, incrustada num muro circular, uma carranca em estilo rococó de onde escorre a água que cai sobre uma bacia em forma de concha e depois despenca, com um pouco mais de intensidade, num lago circular. O muro é decorado com colunas que sustentam duas pequenas fontes com esguichos d’água. No centro da composição, sobre uma coluna bombée, um vaso clássico com rosas coloridas e guirlandas que se derramam sobre o vaso e a coluna. A partir da coluna, o muro vai diminuído de tamanho. Mais à direita, à frente do lago, um cachorro come seu osso, no meio de um pequeno jardim.

O lado esquerdo da composição é tomado por uma família. Da direita para a esquerda vemos, primeiramente, uma jovem senhora de vestido vermelho, xícara na mão esquerda e que leva à boca de uma menininha, à sua frente, de vestido amarelo, avental e touca, uma colher que segura na mão direita. O gesto é acompanhado atentamente por uma segunda menina de corpete e saia azul, que se encontra detrás. Mais atrás um senhor sentado, segura na mão esquerda uma bandeja com um pires vazio e uma xícara sobre a qual, um criado, com uma espécie de avental sobre a casaca, inclina um bule, que carrega na mão esquerda. Entre a jovem e o jardim, no primeiro plano, vemos uma boneca caída ao chão.

**Leitura simbólica:** o quadro *Lady and Gentleman with two Girls and a Servant* foi exposto no Salão de 1742, o último da vida do pintor, sendo uma obra-prima emancipada das influências de Watteau ou Boucher.

“[...] Segundo o livret do Salão, a família está tomando café, e a filha mais nova está provando café pela primeira vez. Quase poderia ser seu primeiro gosto do mundo adulto, trocado pela boneca descartada no primeiro plano. [...]”<sup>31</sup>

O jardim isolado, com seu muro em curva e vaso alto com flores entrelaçadas, é ambiente que quase con-



Nicolas Lancret - *Lady and gentleman with two and a servant* (1742 - National Gallery, London)

Photo © The National Gallery, London.

segue convencer o espectador de que poderia existir. Enfim, neste elegante ambiente, observamos uma família se distrair a bebericar café e, ao mesmo tempo, introduzir a filha na nova delícia que faz o encanto da sociedade e que era bebida, a princípio, de adultos.

**“Intenções”:** 1) **encargo** – pintar; 2) **Diretriz:** Lancret é o único pintor de estaque entre os imitadores de Watteau e talvez seja aquele que mais sofreu com esta sobreposição. No entanto, considerado por seus próprios méritos é um artista atraente, competente, com um olho vivo para estilos tópicos. A obra em questão, uma encomenda, mostra sua sintonia com a modernidade, as novas práticas.

#### 4. JAN JOZEF HOREMANS II - TEA TIME.

(Koninklijk Museum voor Schone Kunsten, Antwerp)

Técnica: óleo sobre tela

Dimensões: 51 x 58 cm.

Cena de gênero.

**Descrição:** Horesmans II foi um pintor flamengo, filho de Jan Josef I, apologista das virtudes, que criou pequenas pinturas agradavelmente animadas como **Tea time**, em que se vê um interior, uma cozinha de pé direito alto em que um grupo se reúne à volta de uma mesa para o chá. Sobre a mesa temos xícaras, uma licoreira, uma tigela e uma caixa para guardar as folhas secas da preciosa bebida.

Na parede, à esquerda, temos duas janelas de “petit bois”. Na frente da porta uma armação de tapeçaria serve para combater o frio. No centro da composição, um caixote de madeira sustenta um fogareiro com uma grande chaleira. À esquerda da espiriteira, uma senhora de vestido ocre e lenço na cabeça, segura na mão direita um pequeno bule, e enquanto espera que a água ferva, conversa com um jovem de boina azul, em pé, a sua esquerda. Entre a senhora do bule e a espiriteira, um pouco mais recuado, um cachorro late para chamar a atenção. À direita da trempé, a senhora de saia marrom e blusa amarela com bolas brancas, meio agachada, assopra para avivar o fogo, sob a chaleira. Atrás dela, vemos o perfil

de uma jovem vestida de azul, laço azul nos cabelos, que conversa animadamente com outra, a sua direita, que segura uma xícara na mão direita e tem uma espécie de lenço amarrado à cabeça. Entre as duas, em pé, um senhor bem vestido, botas, manto vermelho, parecendo ser uma visita que acabou de chegar, apóia o braço direito no encosto da cadeira da jovem, chapéu na mão e um cálice na mão esquerda. Ao fundo, uma senhora mais afastada da mesa, leva uma xícara à boca enquanto observa a conversa dos três. Na parede dos fundos, uma lareira cujo pano alto serve para apoiar alguns objetos de cerâmica caros à família: tigelas, xícaras, uma jarra. Sobre a grande chaminé, um quadro. À esquerda, pendurado ao teto por roldanas, uma roda com uma ave e algumas salsichas, possivelmente para serem defumadas. Na parede à direita, um guarda louça, com as portas abertas, deixa ver alguns pratos e, na parte superior, outros objetos de cozinha, entre eles, um pilão. No primeiro plano, à direita, um garoto toma seu chá, sentado num caixote fazendo o assento de uma cadeira de mesa.

**Leitura simbólica:** o quadro de Horesmanns nos mostra o cotidiano dos menos abastados que já não

dispensam sua xícara de chá como acontece na cena que presenciamos. O aparato é menor, o grupo em questão adaptou o novo costume as suas necessidades e possibilidades. Não vemos guardanapos, açucareiros, colheres ou muitas xícaras. O bule é menor, a quantidade de chá a ser usada também o será, mas o fato de tê-lo torna as pessoas mais cômicas de sua inclusão no grupo social consumidor. Além disso, o novo uso obrigou à criação de objetos adequados às possibilidades das classes em questão.

[...] A onipresença das cerâmicas comuns – argilas envernizadas entre os pobres - [...] não exclui nenhum domínio. [...] Feirantes e vendedores ambulantes abastecem a clientela popular nas feiras e nos mercados, e os oleiros de Beauvois, para auferir maiores lucros, abrem loja na capital. [...] A moda vinda de cima chega às camadas medianas, e no interior popular pode-se notar às vezes um leve toque de anglofilia, uma ‘panelinha à wedgwood’, uma ‘bandeja à inglesa’. [...] <sup>32</sup>

**“Intenções”:** 1) **encargo** – pintar; 2) **Diretriz:** pintar uma cena de gênero (encomenda) e diretriz pessoal

Jan Jozef Horemans II - **Tea time** - (Koninklijk Museum voor Schone Kunsten, Antwerp) - óleo sobre tela



(como faço, porque).

5. **MICHEL BARTHELEMY OLLIVIER -  
LE THE A L'ANGLAISE DANS LE SALON  
DES QUATRE GLACES, AU TEMPLE, AVEC  
TOUT LA COUR DU PRINCE DE CONTI**

(1766 - Musée National du Château et des  
Trianons)

**Técnica** : óleo sobre tela

**Dimensões** : 53 X 68 cm.

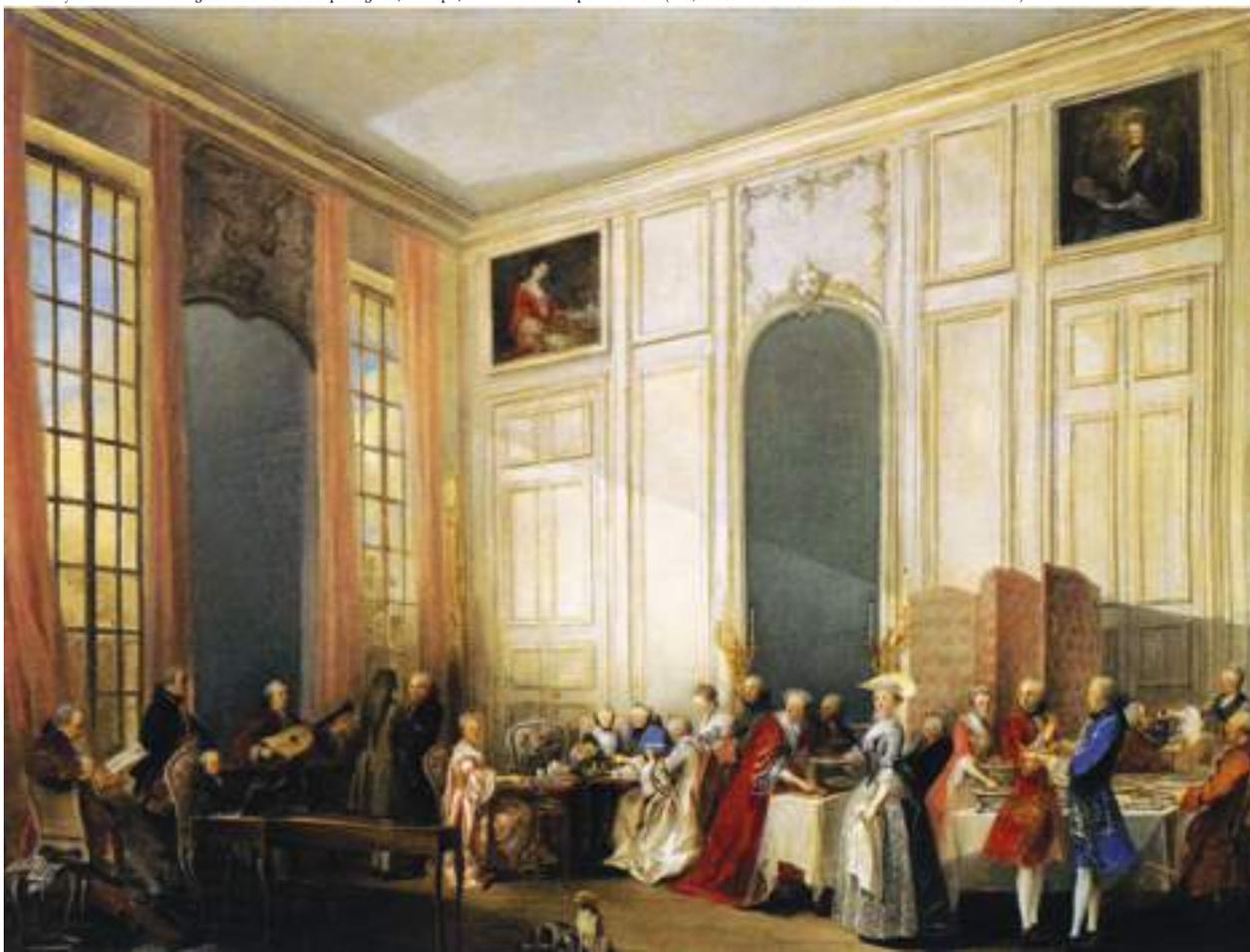
**Descrição:** Michel Barthélemy Ollivier criou numerosas obras delicadas e de fina execução para o príncipe de Conti, de quem era pintor. **Le the a l'anglaise dans le salon des quatre glaces, au temple, avec tout la cour du Prince de Conti**, um destes quadros, nos mostra um grande salão revestido de painéis de madeira branca e espelhos. À esquerda, altas janelas de “petit bois” com delicadas cortinas de seda rosa ladeiam painel com espelho, na parede aos fundos, sobre as portas, retratos femininos.

Diante da parede revestida de painéis brancos, da direita para a esquerda uma mulher, ao fundo, serve um senhor, uma segunda senhora se serve de iguarias dispostas sobre uma mesa, enquanto um segundo senhor espera. À frente do grupo, dois senhores, um de casaca vermelha, outro de casaca azul, comem. Um segundo grupo, também formado por homens e mulheres, fazem seus pratos, enquanto mais ao fundo, à frente de um biombo revestido de seda rosa, um senhor sentado, observa os espectadores. Nos fundos, próximo à janela, o

último grupo de mulheres e cavalheiros, à volta de uma mesa, uns sentados outros em pé, tomam chá e conversam. À direita desta última mesa, dois homens, de costas para o observador, conversam. No centro da composição, dois estão cachorros tranquilamente entre os convidados. À esquerda, no primeiro plano, encostados numa mesinha, papéis e um violoncelo. Um homem, ao lado da mesinha, sentado transversalmente numa cadeira, lê o que parece ser um jornal. Ao seu lado, um jovem sentado numa cadeira de espaldar alto, toca cravo. Mais atrás um senhor observa atentamente o recinto enquanto um terceiro, a seu lado, toca guitarra.

**Leitura simbólica:** Segundo Feuillet de Conches<sup>33</sup>, Ollivier nos oferece uma descrição extremamente viva dos Salões patrocinados pelo Príncipe de Conti<sup>34</sup>. “À direita, uma mesa em torno da qual estão sentados o ‘Comendador’ de Chabillant e o matemático Dourtois de Mairan, a princesa de Beauvau, de pé, vestida de violeta, um lenço preto ao pescoço, oferece bebida ao matemático. À frente, os condes de Jarnac e de Chabot: o primeiro segura um prato, o outro, come um bolo. À esquerda, uma jovem de gorro branco, lenço da mesma cor e avental branco sobre vestido de tule rosa brilhante, se serve de um prato que repousa sobre o réchaud, é a Condessa de Boufflers-Rouvrel. O presidente Hénault, vestido de preto, se encontra sentado à frente de um biombo rosa; Mademoiselle Bagarotti, de quem o Príncipe de Conti se propôs a pagar as dívidas, traz um vestido de seda listrado de branco e cereja, está sentada sozinha diante de um guéridon, sobre o qual um fogão portátil aquece uma

Michel Barthélemy Ollivier - Le the a l'anglaise dans le salon des quatre glaces, au temple, avec tout la cour du prince de Conti (1766, óleo sobre tela - Musée National du Château et des Trianons)





Jean-Étienne Liotard: *Still life: tea set* (c. 1780-81, óleo sobre tela - J. Paul Getty Museum, Los Angeles)

chaleira. Antoine de Ferriol, conde de Pont-de-Veyle, filósofo obscuro, amigo fiel e constante, muito procurado por todos, adequado a todas as sociedades, irmão mais velho do conde de d'Argental, se apóia sobre o encosto de uma poltrona; o príncipe d'Henin, de pé, apóia a mão sobre o encosto da cadeira em que se senta a Marechala de Montmorency-Luxembourg, com um vestido de seda branca, guarnecido de pele. Entre eles, mademoiselle de Boufflers, depois Duquesa de Lausun-Biron, vista de perfil, os cabelos empoados, vestida de rosa, as espáduas cobertas de gaze branca, obra prima da doçura, graça e candura. [...] A Marechala de Mirepoux coloca chá para Madame de Vierville, de pelica azul [...] O príncipe de Conti, que detestava ser pintado, se deixou representar de costas, de peruca, enquanto conversava com Trudaine. À esquerda, Mozart criança, sentado, toca craviola, e Jélyotte, de pé, canta acompanhado pela guitarra. O cavalheiro de Laurency, aparece de pé, atrás de Mozart. Ao lado, o príncipe de Beauvau, sentado, lê um livro. Ainda temos uma senhora, uma grande dama de vestido vermelho, a Condessa d'Egmont, mãe, que se serve de um pedaço de bolo. A pequena personagem que passa no primeiro plano do quadro, carregando um guardanapo e um prato é a espirituosa Condessa d'Egmont, a jovem, nascida Richelieu. Um violoncelo e cadernos de música estão recostados num ângulo, à esquerda.

Salão de prazer, liberdade e intimidade sem limites: da música aos cachorros. Este era o hábito nas festas familiares do príncipe de Conti, em que o chá à inglesa era alegremente servido por damas de avental, e os convidados incentivados a cortar bolos, acender fogareiros, servir salgados e bebidas. Propositalmente, os criados eram dispensados

**"Intenções": 1) encargo** – pintar; **2) Diretriz:** pintar uma cena por encomenda do Príncipe de Conti. Há uma

certa diretriz pessoal (como faço, porque).

- 6) JEAN-ÉTIENNE LIOTARD: STILL LIFE: TEA SET** (c. 1780-81. J. Paul Getty Museum, Los Angeles)  
**Técnica:** óleo sobre tela  
**Tamanho:** 38 cm X 52 cm

**Descrição:** sobre uma bandeja de charão temos um conjunto completo para chá importado da China, possivelmente Companhia das Índias, composto de xícaras com seus pires, bule, leiteira, recipiente para servir açúcar, caixa para armazenar chá. Além dos objetos em porcelana temos, também, pegador de cubos de açúcar em prata e colheres.

**Leitura simbólica:** Nesta pintura, vemos o que restou de uma "hora do chá": a desordem. Sobre a bandeja de charão seis xícaras e pires, um bule de chá, tigela de açúcar, jarro de leite, e um pequeno vaso contendo folhas de chá, utilizados pela senhora para a confecção da bebida. Uma tigela maior contendo xícara e pires deve ter sido aproveitada como depósito de chá frio e folhas usadas. Outra, um pouco menor, serviu para trazer os cubos de açúcar à mesa. No meio da bandeja temos, ainda, um pires com duas fatias finas de pão besuntadas, possivelmente, com manteiga ou creme.

**"Intenções": 1) encargo** – pintar; **2) Diretriz:** pintar uma cena em que o tema é o fim de uma hora de chá. Há uma diretriz pessoal (como faço, porque) visto que beber chá ou café era a grande novidade européia, quando Jean-Étienne Liotard nasceu. O convívio com esta "novidade" levou o pintor a se dedicar a pintar este tema nas duas últimas décadas de sua vida quando a idade, alterações no gosto artístico e mesmo suas convicções políticas levaram a um declínio nos pedidos de retratos a pastel, sua especialidade. No

entanto, ele já vinha incluindo frutas e porcelana em alguns de seus retratos desde aproximadamente 1740. E quando pintou esta tela, em particular, beber chá tinha-se tornado moda também entre outros estratos sociais. Talvez por isso Liotard contrastou os luxuosos objetos de prata e porcelana chinesa com a bandeja de charão, de estanho barato, que imitava a laca asiática.

## NOTAS:

1. BARBOSA, Jorge Luiz. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. *Geographia*, Niterói, ANO II, Nº 3, JAN-JUN 2000, p.71. Disponível em: <[http://www.uff.br/geographia/rev\\_03/jorge%20luiz%20barbosa.pdf](http://www.uff.br/geographia/rev_03/jorge%20luiz%20barbosa.pdf)>. Acesso em 18 nov. 2008.
2. MIRANDA, CARLOS EDUARDO ALBUQUERQUE. Uma educação do olho: as imagens na sociedade urbana, industrial e de mercado. *Caderno Cedes*, Campinas, ano 21, nº 54, ago.2001. p.34. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cce-des/v21n54/5267.pdf>>. Acesso em 18 nov. 2008.
3. BARBOSA, Jorge Luiz. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. *Geographia*, Niterói, ANO II, Nº 3, jan-jun 2000. p.78. Disponível em: <[http://www.uff.br/geographia/rev\\_03/jorge%20luiz%20barbosa.pdf](http://www.uff.br/geographia/rev_03/jorge%20luiz%20barbosa.pdf)>. Acesso em 18 nov. 2008.
4. ALMEIDA, Milton José. Aproximação em forma escrita sobre as imagens da pintura e do cinema. In ZAMBONI, Ernesta. Org. *Representações do espaço: multidisciplinaridade na educação*. Campinas: Ed. Autores Associados, 1999. P.24.
5. JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 8.ed. Campinas: Papirus, 1996. p.82.
6. Id., 1996, p. 83.
7. BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenções: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
8. Id. 2005, p.17.
9. FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Comida – uma história*. Rio de Janeiro: Record, 2004. P.270-1.
10. FRANKLIN, Alfred. *La vie privée d'autrefois. Arts et métiers: modes, moeurs, usages des parisiens du XII<sup>e</sup> au XVIII<sup>e</sup> siècles. V.13. Le café, le thé & le chocolat*. Paris: Librairie Plon, 1893. p.37-8 Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k204416b>>. Acesso em 13 jul. 2008, 18:32:12
11. FLANDRIN, Jean-Louis. MONTANARI, Massimo. Org. *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p.620.
12. RITCHIE, Carson I. A. *Comida e civilização: de como a história foi influenciada pelos gostos humanos*. Lisboa: Ed. Assírio & Alvim, 1981. p.170.
13. STANDAGE, Tom. *História do mundo em seis copos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005. p.146.
14. FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Comida – uma história*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p.271
15. LOPES, J. A. Dias. A rainha portuguesa do chá. In: \_\_\_\_\_. *A rainha que virou pizza: crônicas em torno da história da comida no mundo*. São Paulo: Ed. Nacional, 2007. p.145-6.
16. BRAUDEL, Fernand. *Civilisation matérielle, économie et capitalismo, XV<sup>e</sup>– XVIII<sup>e</sup> siècle*. T1. Les structures du quotidien: le possible et l'impossible. Paris: Armand Colin, 1986. p.361
17. \_\_\_\_\_. *Civilisation matérielle, économie et capitalismo, XV<sup>e</sup>– XVIII<sup>e</sup> siècle*. T2. Les Jeux de l'Echange. Paris: Armand Colin, 1986. p.151
18. Cf. FLANDRIN, Jean-Louis. A distinção pelo gosto. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada: da Renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.3. p.275.
19. BRAUDEL, Fernand. *Civilisation matérielle, économie et capitalismo, XV<sup>e</sup>– XVIII<sup>e</sup> siècle*. T1. Les structures du quotidien: le possible et l'impossible. Paris: Armand Colin, 1986. p.154.
20. GONCOURT, Edmond; GONCOURT, Jules. *La femme au dix-huitième siècle*. Paris: G. Charpentier, Éditeur, 1882. P.60 Disponível em <<http://gallica2.bnf.fr/ark:/12148/bpt>>. Acesso em 12 set. 2008, 16:58
21. CAMPORESI, Piero. *Hedonismo e exotismo. A arte de viver na época das Luzes*. São Paulo: UNESP, 1996. p. 145-6.
22. STRONG, Roy. *Banquete: uma história ilustrada da culinária, dos costumes e da fartura à mesa*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004. p.181-2.
23. Id. 2004, p.193.
24. RIBEIRO, Renato Janine. *A etiqueta no Antigo Regime: do sangue à doce vida*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.20
25. STANDAGE, Tom. *História do mundo em seis copos*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2005. p.154.
26. ROCHE, Daniel. *O povo de Paris*. São Paulo: EDUSP, 2004. P. 202.
27. estilo de pintura surgida na Holanda, no decorrer do século 17, em que, geralmente, o grupo é representado envolvido em alguma ocupação do dia-a-dia.
28. BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.81
29. BAXANDALL, 2006, p.84.
30. Ibid., 2006, p.86
31. LEVEY, Michael. *Pintura e escultura na França (1700-1789)*. São Paulo: Cosa & Naify, 1998. p.44-5
32. ROCHE, Daniel. *O povo de Paris*. São Paulo: EDUSP, 2004. P. 201.
33. *Les salons de conversation au dix-huitième siècle*. Paris: Charavay Frères Éditeurs, 1882. p.28-32. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark/bpt6k205792s>>. Acesso em 28 jun. 2008
34. Segundo Feuillet de Conches, o quadro exposto no Salão de 1777 foi pintado após 1763 mostra uma reunião no *Salon des Quatre Glaces* em que os convivas conversam e tomam “chá à inglesa”, um dos passatempos oferecidos semanalmente pelo referido Príncipe.